



No escuro

Allan Henrique Barbosa CARAÇA¹

André Luiz Caldana FILHO²

Daniele ALEGRINI³

Denise de Sousa TROLEZI⁴

Juliana FERRARI⁵

José Alexandre FERROS⁶

Faculdades Integradas Interamericanas, São Paulo, SP

RESUMO

Trabalho acadêmico que consiste na adaptação do conto “No Escuro” (2009), de Susana Lorena, para um curta-metragem de 10 minutos de duração. Para escrever o conto, a escritora se inspirou numa série de quadros do fotógrafo Joshua Hoffine, que retrata diversos medos infantis. No curta, Clara, uma menina tranquila e feliz, é atormentada pelo espírito de Agatha, uma criança que sofria com as agressões e com a indiferença por parte dos pais e de outras crianças, e que morreu na mesma casa onde hoje mora Clara.

PALAVRAS-CHAVE: adaptação; conto; curta-metragem; suspense; terror

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste na realização de um curta-metragem de terror, que busca destaque na cena audiovisual e pretende alavancar o gênero em produções de origem nacional, que se encontra ligeiramente esquecido, agradando os antigos fãs e buscando possíveis novos apreciadores.

2 OBJETIVO

Satisfazer o público do gênero terror, que é muito exigente. Porém, a intenção não é desenvolver o terror-trash que, apesar de não se tratar do foco deste projeto, também pode alcançar tanta qualidade quanto qualquer outro gênero. A intenção é mostrar um filme de terror que envolve o sobrenatural, mas que tenta não fugir muito para eventos impossíveis, levando em conta um conceito de “real” dentro do talvez “irreal”.

¹ Estudante do 7º semestre do Curso de Radialismo das Faculdades Integradas Interamericanas; email: allancaraca@gmail.com

² Estudante do 7º semestre do Curso de Radialismo das Faculdades Integradas Interamericanas; email: de_exma@hotmail.com

³ Estudante do 7º semestre do Curso de Radialismo das Faculdades Integradas Interamericanas; email: dani_alegrini@hotmail.com

⁴ Estudante do 7º semestre do Curso de Radialismo das Faculdades Integradas Interamericanas; email: dstrolezi@uol.com.br

⁵ Estudante do 7º semestre do Curso de Radialismo das Faculdades Integradas Interamericanas; email: juferrari88@hotmail.com

⁶ Professor do Curso de Radialismo das Faculdades Integradas Interamericanas; email: alexandre.ferros@oswaldocruz.br



3 JUSTIFICATIVA

A escassez do gênero terror no cinema nacional leva o público – que é muito fiel ao gênero – a ficar preso aos filmes internacionais ou de produção muito antiga. A falta de filmes desse gênero no cenário nacional agrava ainda mais a situação, pois é exigida uma cobrança de qualidade ainda maior, já que a adaptação propõe a volta desse estilo. O curta-metragem “No Escuro” procura satisfazer o público do gênero terror, que é muito exigente.

Para verificar a aceitação do público em relação ao projeto, foi realizada uma pesquisa quantitativa com 15 perguntas fechadas, de âmbito demográfico e psicográfico. A pesquisa foi aplicada a 400 pessoas, residentes das cinco regiões da cidade de São Paulo.

O resultado da pesquisa indicou o seguinte perfil de entrevistados: das 400 pessoas entrevistadas, obteve-se ao resultado bem equilibrado de 52% do sexo masculino contra 48% do sexo feminino; em relação à faixa etária dos entrevistados, 28% estão entre 18 a 21 anos, 25% entre 22 a 25 anos, 12% entre 26 a 30 anos, 9% entre 14 a 17 anos, 7% entre 36 a 40 anos, 6% entre 41 a 45 anos, 6% entre 46 a 50 anos, 3% entre 31 a 35 anos, 2% entre 51 a 55 anos e mais 2% estão entre 56 a 60 anos. Nenhum dos entrevistados tinha mais de 60 anos de idade. Nota-se que a maioria dos entrevistados forma um grupo de pessoas jovens, pois 53% delas estão na faixa etária entre 18 a 25 anos; de acordo com o CCBE – Critério de Classificação Econômica Brasil, de 2008, 2% dos entrevistados pertencem à classe A1, 12% à classe A2, 32% à classe B1, 30% à classe B2, 19% à classe C1, 3% à classe C2 e 2% pertencem à classe D. Nenhum dos entrevistados se encaixa na classe E. Nota-se que a maioria dos entrevistados pertence à classe B (B1+B2), com 62% dos entrevistados; quanto ao estado civil, a maioria declarou-se solteira, representando 73% dos entrevistados. O restante do grupo declarou-se como: casado (22%), divorciado (3%) e viúvo (2%).

Para o formulário de pesquisa foram elaboradas perguntas relacionadas aos hobbies dos entrevistados, gênero literário preferido e com que frequência assistem a filmes, com a finalidade de investigar o interesse da amostra em relação a esse universo. Foram obtidos os seguintes resultados em relação a essas e a outras questões:

- Hobbies (passatempos prediletos): 59% optaram por “ouvir música”, 47% “assistir TV”, 46% “ler”, 45% “ir ao cinema”, 44% “viajar”, 38% “navegar na internet”, 33% “visitar amigos”, 21% “jogar videogame”, 20% “praticar esportes”, 18% “ir a shoppings” e 15% optaram por “dançar”. Do total de entrevistados, 13% marcaram a opção “outros”, indicando como hobbies: dormir, sair de casa, cantar no karaokê, cozinhar, assistir DVD’s, ir ao teatro, aviação e motociclismo, sair com a namorada e pescar. Desses

13%, também houve indicações de hobbies relacionados à música, como compor, cantar, tocar violão e guitarra. O grupo que indicou como hobby “ir ao cinema” representa uma parte significativa do grupo, com 45%, o que demonstra o interesse no público por obras audiovisuais.

- Gêneros literários preferidos: Suspense (37%), Romance (28%), Policial (24%), Sátira e Humor (21%), Contos e Crônicas (21%), Biográfico (17%), Ficção Científica (16%) e Terror (16%). Do total de entrevistados, 3% indicaram que gostam de todos os gêneros sugeridos e 3% optaram por “outros”, indicando livros sobre teorias, espíritas, de auto-ajuda e científicos. Do total dos entrevistados, 2% responderam que não gostam de ler.

- Escritores que eles conhecem (dentre os nomes apontados numa lista): Agatha Christie (48%), Stephen King (47%), Dan Brown (37%), Irmãos Grimm (28%), Sidney Sheldon (26%), Edgar Allan Poe (22%) e Sir Arthur Conan Doyle (11%). Do total de entrevistados, 23% afirmaram conhecer todos os escritores relacionados e 9% responderam que não conhecem nenhum deles.

- Aceitação em relação a adaptações de obras literárias para o formato audiovisual: 75% afirmaram que sim, 19% responderam que não e 6% afirmaram não saber do que se trata. Nota-se a inclinação de boa parte do público a favor de um “gênero” que coincide com o do projeto em questão.

- Frequência com que assistem a filmes: a opção “diariamente” foi indicada por 9%, “semanalmente” 60%, “quinzenalmente” 18%, “mensalmente” 9% e “raramente” foi indicado por 4%. Nenhum dos entrevistados marcou a opção “nunca”. Nota-se que boa parte dos entrevistados, 69%, assiste a filmes no mínimo 1 vez por semana.

- Mídia preferida para assistir a filmes: 58% indicaram “DVD”, 43% “cinema”, 23% “TV”, 5% “internet” e 1% afirmou gostar de todas as mídias para esse fim. Nenhum dos entrevistados optou por “Não gosto de assistir a filmes”.

- Filmes que eles já assistiram (dentre uma lista de títulos citados): 76% indicaram “O sexto sentido”, 44% “Os outros”, 43% “Sexta-Feira 13”, 40% “Hannibal”, 39% “O iluminado”, 29% “O labirinto do Fauno”, 23% “Sweeney Todd” e 19% apontaram “O labirinto”. Do total de entrevistados, 15% afirmaram ter assistido a todos os filmes relacionados e 10% indicaram não ter assistido a nenhum desses filmes.

- Interesse pelo sobrenatural: a maioria significativa, representada por 76%, afirmou que se interessa pelo sobrenatural, contra 24% dos entrevistados que indicaram

que não. Nota-se um interesse da maioria do público por um dos aspectos abordados no projeto.

- Gênero preferido de filme: 45% responderam “Suspense”, 42% “Comédia”, 29% “Romance”, 24% “Ficção científica”, 23% “Terror” e 14% indicaram o gênero “Biográfico”. Do total de entrevistados, 15% afirmaram gostar de todos os gêneros relacionados e 2% marcaram a opção “Outros”, indicando “Ação” como gênero preferido. Nenhum dos entrevistados marcou a opção “Nenhum”.

- Tipo de antagonista preferido num filme de terror: a maioria, com 52%, indicou “Serial Killer”, 23% “Fantasma”, 22% “Vampiro”, 9% “Zumbi”, 4% “Monstro” e 3% preferem “ET”. Do total de entrevistados, 7% afirmaram gostar de todos os antagonistas citados, enquanto 10% escolheram a opção “Nenhum”, por não gostarem de filmes de terror.

Com base nessa pesquisa, foi possível verificar quais aspectos o público leva em consideração nas dramatizações de cenas de terror e suspense e também o interesse que o público em geral tem por esse gênero.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Com o cenário no qual se passa a história da Clara buscou-se passar um aspecto aconchegante e colorido, com muitos animais de pelúcia, quadros na parede, enfeites na cama, tentando não deixar nenhum vazio no que se refere à Clara. Esse padrão foi adotado não só para o quarto, mas para o resto da casa também, enquanto os aspectos da casa e quarto da Agatha eram vazios, para passar a impressão de solidão, transmitir através da imagem um pouco mais do que a personagem tem em seu interior.

A fotografia foi feita de acordo com a intensidade da cena; cenas gravadas no porão pediam uma luz mais escura, criando um universo mais sombrio e misterioso para o espectador. A idéia de deixar a imagem com pouca visibilidade consegue criar um clima de expectativa maior e causa certo desconforto, pois não se sabe o que pode aparecer no local. O vídeo foi gravado com apenas uma câmera não profissional, modelo HV-30 da Canon. Captamos a imagem em Mini-DV, na configuração FullHD Anamorphic (1440x1080) Praticamente todas as cenas foram gravadas com a câmera na mão

A trilha sonora é voltada para o suspense/terror de modo geral, mas, possivelmente, o auge do desconforto que é provocado no espectador se concentra no contraste cena/trilha das cenas de Agatha, nas quais a sensação passada pelas imagens é o descontrole, enquanto a trilha prima por algo tranquilo, quase que uma música de “ninar”.



A pós-produção foi usada para pontuar melhor as passagens de tempo e as situações vividas pelas personagens, utilizando cores mais frias em cenas que se concentravam no passado de Agatha, que era mais triste e sofrida, e cores mais vivas na outra, que por mais que enfrentasse “problemas”, tinha uma vida feliz. Foram utilizados também alguns efeitos, como na cena do reflexo de Agatha na maçaneta e a cena em que Clara está com a visão distorcida da realidade.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Nos critérios de escolha do conto a ser adaptado, foi levado em consideração o texto que dava mais possibilidade de criação, não pertencesse a um escritor famosos e estivesse alocado no gênero Suspense/Terror. Foi uma tarefa sem muitas complicações, pois enxergamos várias possibilidades quando foi encontrado o conto “No Escuro”, de Suzana Lorena, tanto para criação, quanto para a viabilização do projeto.

Como existiu muita liberdade e cooperação da autora, foi possível criar um segundo universo dentro do curta, não só contando a história da protagonista Clara, mas mostrando um pouco mais da frustração e da história de Agatha. Essa liberdade também permitiu que o monstro citado no conto fosse adaptado para o fantasma de uma criança.

Em relação ao *casting*, foram feitos vários testes para montagem do elenco, pois o roteiro exigia duas crianças. Inicialmente a idéia era escolher uma menina para o papel de Clara e um menino para o fantasma, mas no decorrer dos testes nos deparamos com a atriz Karine Briane, que foi uma grata surpresa, não para o papel da Clara e sim para o fantasma, pois tinha um perfil que pode ser associado ao personagem Danny Torrent, interpretado por Danny Lloyd no filme “O Iluminado”. Seu olhar era profundo e atuação condizente com o clima, acompanhado do grito mais alto e expressivo dentre os atores observados.

A escolha da locação foi um processo mais demorado e trabalhoso, já que um elemento era obrigatório: o porão. Assim que o problema da locação foi resolvido, suprimindo as necessidades de produção do curta, conseguimos realizar a captação das imagens em 3 diárias.

A pós-produção do vídeo foi dividida em 3 etapas: primeiro corte, para escolha da trilha sonora; ajustes finos para correção de cor e transição de algumas cenas; e efeitos visuais para obtenção de um produto final plenamente satisfatório. As cenas que continham a personagem Clara tiveram um aumento em seu contraste/saturação, garantindo mais vida às cenas, ao passo que nas imagens de Agatha ocorreu o inverso, visando transmitir a idéia de uma vida sem cor, sem alegria. Outros efeitos realizados foram o reflexo de Agatha na



maçaneta da porta, quando ela entra no quarto de Clara, e a visão “deturpada” de Clara quando ela acorda e começa a destruir seus ursinhos, que supostamente estão vivos, e é atacada por uma versão macabra de sua mãe.

Conto original utilizado para a adaptação:

NO ESCURO

Um sopro de ar mofado atingiu seu pequeno rosto quando a porta se abriu. Odiava aquele lugar. E devido àquelas coincidências infelizes que acontecem na vida, era ela quem mais descia lá. Sempre que a mãe precisava de algo, era ela que iria buscar. Ser a filha mais nova não é uma coisa fácil. A luz alaranjada do fim daquele dia quente iluminava a escada até a metade. De lá para baixo era apenas escuridão. Uma lâmpada quebrada que ninguém se prontificou a trocar era a culpada.

As escadas rangiam a cada passo seu. Em qualquer outro lugar, esse barulho seria apenas irritante. Ali era também assustador. Um outro som atingia os seus ouvidos. Parecia o ar sendo deslocado. O som de uma respiração foi a primeira coisa que veio à sua cabeça. Mas tentou de todas as formas afastar esse pensamento da sua cabeça. A imaginação de crianças pode ser perigosa. Mesmo sendo uma criança, ela sabia disso. Tinha apenas oito anos.

Acendeu a lanterna e a agitou de um lado para o outro, como se quisesse varrer a escuridão do lugar. Agarrava-se com a mão livre ao corrimão para não cair. Quando a escada acabou, acabou também o som da respiração que ela ouvia antes. Aliviada, pensou que era apenas o eco do barulho. Apontando a lanterna para o chão, procurou um banquinho. Precisava de uma coisa que estava em uma prateleira alta. Quando o foco de luz encontrou o banquinho, encontrou também algo que se moveu muito rápido de volta à escuridão. Pensou que fosse um rato. Na verdade, torceu com todas as forças para que fosse um rato. Apesar de ser um pouco branco demais para um rato. Decidiu não seguir o rato ou o que quer que fosse. Seu coração batia forte com medo daquele lugar. As batidas martelavam em seus ouvidos, não a deixando perceber que o som da respiração havia voltado. Esticava-se nas pontas dos pés para alcançar a prateleira, sem sucesso. O banco balançava sobre seus pés. Até que perdeu o equilíbrio.

Caiu sentada no chão. A lanterna estava a seu lado, apontava para baixo da escada. Devido a distância, a luz mal iluminava. Mas uma coisa estava lá e ela não conseguiu identificá-la. Parecia uma bota. Muito feia, por sinal. Apertou os olhos, mas não conseguiu ver direito. Levantou do chão e limpou as mãos nas pernas da calça. Pegou a lanterna do



chão e deu alguns passos para frente. Parecia que embaixo da escada estava muito mais escuro do que o resto do porão. Ela apontou a lanterna para o chão, onde achava ter visto as botas mais feia do mundo. Um grito ficou sufocado na sua garganta.

Não eram botas, eram pés. De uma pele branca acinzentada, numa aparência de morta. Ela levou a mão à boca quando viu aqueles pés. Começou a subir a lanterna. Viu as pernas muito finas e tortas. De veias salientes e azuis. O abdômen projetado para frente cheio de caroços, alguns se abrindo em feridas, os braços finos que acabavam em dedos ossudos com unhas sujas e enormes. E finalmente o rosto. Ficava na mesma altura que o seu. Os olhos de um azul pálido que ficavam mais claro à medida que se aproximavam da pupila. A cabeça redonda onde apenas alguns fios de cabelo estavam perdidos. A pele enrugada e cinza dos lábios da criatura se abriu como em um sorriso.

Exibindo uma confusão disforme de dentes podres e amarelados, e uma língua esverdeada. Com esse gesto, a criatura deixou escapar um grunhido gutural que paralisou a menina à frente dela.

Ela sentiu algo se mover ao redor de seus tornozelos. Apontando a lanterna para o chão. Viu algo que poderia ser descrito com um rabo gigante de lagartixa. A ponta dele se enrolava ao redor de sua canela, ela podia sentir o frio e a textura pegajosa daquela pele. Com um rápido movimento, a criatura puxou o rabo, derrubando a menina no chão. Ela largou a lanterna com força no chão, fazendo com que ela quebrasse. O impacto da queda pareceu tirá-la de seu estado catatônico. Quando ela puxou o ar para gritar, outra daquelas coincidências infelizes aconteceu. Um vento soprou lá fora fechando a porta, mergulhando o porão em escuridão total e trancando os gritos da menina dentro daquelas paredes.

Do lado de fora nada se ouvia. A não ser que se encostasse o ouvido na porta. Nesse caso, você ouviria os gritos que começariam a morrer aos poucos em pouco tempo. E se prestasse bem atenção, você ouviria um grunhido, algo inumano, que poderia muito bem ser o riso da criatura.

6 CONSIDERAÇÕES

O objetivo de realizar um bom curta-metragem de suspense/terror foi atingido, graças a um bom roteiro e a liberdade dada pela escritora do conto que serviu como base para a adaptação. A direção também contribuiu muito, pois soube como exigir o que era necessário dos atores. O suspense foi alcançado desde o início e o terror atingiu o clímax nas cenas finais. A angústia criada pelas cenas de Agatha provavelmente são o ponto forte do filme.



7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WATTS , Harris. **On Câmera**. São Paulo: Editora Summus Editorial, 1990.

FIELD, SYD. **Manual do Roteiro**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

O Iluminado. The Shining, de Stanley Kubrick, EUA, 1980

Psicose. Psycho, de Alfred Hitchcock, EUA, 1960.

Os Outros. The Others, de Alejandro Amenábar, EUA, 2001.

O Sexto Sentido. The Sixth Sense, de M. Night Shyamalan, EUA, 1999.